

DESAFIOS ATUAIS DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A CONSTANTE BUSCA DA (RE)CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE NOSSOS ALUNOS

Anderson Nildo dos Santos de Jesus¹
loganjay@gmail.com

Andressa Freitas de Andrade
andressa2015freitas@gmail.com

Rafaela Caroline Ferreira
rafaelacaroline9681@gmail.com

Ayala de Sousa Araujo²
Ayala.araujo@ifpr.edu.br

Eixo 2. SABERES E PRÁTICAS DOCENTES

RESUMO

Neste texto refletimos sobre alguns desafios da educação, da escola e do professor considerando ser a escola uma instituição que conduza a inclusão educacional e social de seus alunos. Na busca de pensarmos sobre possíveis avanços na efetivação de uma prática realmente inclusiva e seus reais efeitos na prática pedagógica, sem perder de vista os limites e possibilidades para o enfrentamento dos desafios postos à educação na atualidade. Nesse sentido, defendemos um olhar mais dirigido aos anos iniciais de escolaridade dos alunos, como importante base a que precisam ter acesso e efetivo desenvolvimento nessa direção. Como aporte teórico, este estudo dialoga, principalmente, com Ferreira (2009), Freire (2011; 1980; 1979), Hannoun (1998), Mariotti (2000) e Saviani (2012).

Palavras chave: Educação e Inclusão. Educação Básica. Sociedade da Informação.

INTRODUÇÃO

Neste texto refletimos sobre alguns desafios da educação e da escola formal e do professor na busca de pensarmos sobre possíveis avanços na efetivação de

¹ Estudantes do Curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal do Paraná (IFPR), Campus Ivaiporã.

² Professora do Curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal do Paraná (IFPR), Campus Ivaiporã das disciplinas História e Filosofia da Educação e Didática I.

uma prática realmente inclusiva e seus reais efeitos na prática pedagógica, sem perder de vista os limites e possibilidades para o enfrentamento dos desafios postos à educação na atualidade.

A realização desse estudo evidenciou-se em decorrência das aulas na disciplina História e Filosofia da Educação no curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal do Paraná- IFPR, Campus Ivaiporã, conscientes de que só faz sentido o estudo da história da educação para compreendermos e refletirmos sobre os problemas e desafios da atualidade. Nesse sentido nossas reflexões seguem duas direções. Primeiro conduzir nosso olhar para o papel da educação e da escola na atualidade, tanto a partir de uma visão de dentro da escola como para os desafios para além de seus muros. Segundo, a defesa da importância da práxis do professor na busca de superação e de avanços a partir de sua zona de autonomia relativa (VASCONCELLOS, 2011), tanto na busca de melhores condições de trabalho como no desenvolvimento de uma educação efetivamente inclusiva a altura do nosso tempo.

Nessa tentativa, defendemos um olhar mais dirigido aos anos iniciais de escolaridade, como importante base a que nossos alunos precisam ter acesso e efetivo desenvolvimento.

No entanto, é necessário expor, ainda, que o objetivo desse estudo não é determinar verdades, propor soluções, instrumentalizações práticas, mesmo porque sendo a realidade dinâmica é também multifacetada. A intenção não será absolutizar. Esta é apenas uma visão recortada da realidade que se apresenta no contexto de um campo a ser investigado.

Como aporte teórico, este estudo dialoga, principalmente, com Ferreira (2009), Freire (2011; 1980; 1979), Hannoun (1998), Mariotti (2000) e Saviani (2012).

Desafios da educação na atualidade em face de seu papel de inclusão social

A sociedade atual, marcada pelo avanço científico e tecnológico, abriu caminhos para novas relações culturais, sociais e econômicas. Não sendo um mundo descolado de um contexto mais amplo, a escola não se constitui como um espaço inerte às tensões da sociedade. Exige-lhe mudanças nas formas de relações e interações, ao tratamento da informação e construção de conhecimentos que

permitam a seus estudantes desvelar e participar ativamente na realidade. Como nos aponta Freire (2011, p. 87) “o conhecimento envolve a constante unidade entre ação e reflexão sobre a realidade”.

A educação é um processo que envolve valores, transmissão e construção de relações sociais e, por isso precisa estar voltada para as transformações culturais da sociedade. Acreditamos que para que as práticas educacionais, na escola, possam estar voltadas à altura do nosso tempo e serem de fato inclusivas precisam ser efetivamente emancipatórias, que suscitem processos de conscientização, compreensão crítica e participação, sendo uma instituição realmente inclusiva. O que requer o domínio de habilidades básicas por nossos educandos, entre elas, o domínio da leitura, escrita e cálculo e seus usos em diferentes contextos como instrumentos de entendimento da realidade. Concordamos que na educação “que se faz por meio de palavras, não pode ser rompida a relação *pensamento-linguagem-contexto* ou *realidade*” (FREIRE, 2001, p. 70).

Estamos imersos em nossa sociedade em contextos cada vez mais letrados. As práticas sociais que exigem o domínio da leitura e escrita e cálculo são cada vez mais amplas e dinâmicas e em diferentes contextos, inclusive no ambiente virtual. No entanto, importa levar em consideração não apenas a (de)codificação dos códigos escritos e numéricos, mas a promoção de maneira contextualizada desses signos, compreendendo seus usos nas diferentes funções sociais que deles emergem.

Isso implica um constante repensar da escola em termos de revisões conceituais sobre o papel e função da educação, o que é conhecimento, o que é inclusão, entre tantas outras. Demanda também, o replanejamento da reorganização da dinâmica de ensino e aprendizagem, que deixa de se dá exclusivamente no interior da sala de aula.

Essa realidade exige a todo o momento, a disposição em poder agir de forma consciente, nas diferentes situações, especificamente no cotidiano escolar, das situações de aprendizagem que são criadas condizentes e à altura do nosso tempo. Exige, sobretudo, o “olhar mais crítico possível da realidade, que a ‘des-vela’ para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam” (FREIRE, 1980, p.29). E esse processo de conscientização precisa começar desde a infância. E isso não é fácil, “estamos em uma nova época histórica, uma nova ordem global, em que as velhas formas não estão mortas, mas as novas ainda não estão inteiramente formadas”

(SAVIANI, 2011, p. 118). Isso requer intencionalidade clara dos professores no seu fazer.

Conseqüentemente, presenciamos diversas tensões por que sofre o trabalho de educar atualmente. Sem ter a intenção de elevar uma etapa de ensino em detrimento à outra, o processo de humanização, de participação cidadã deve iniciar desde os primeiros anos de ensino. Compreendemos, todavia, que isso não é simples. Um trabalho educativo que conduza a inclusão dos alunos de nosso tempo, menos ainda. A escola ainda poderá levar algum tempo para realizar seu papel principal: ler, escrever, contar de maneira que contribua de fato para que os educandos possam conhecer e desvelar a realidade de modo crítico. Esse é um grande e importante desafio que precisamos contemplar.

Para tanto precisamos refletir nosso o papel do professor e da escola como importantes e fundamentais agentes de formação, de inclusão educacional e social de nossos alunos.

A escola como instituição fundamental de formação e de inclusão social

Em qualquer civilização humana, é comprovado que existiram, existem e sempre existirão, instituições que interagem entre si, e promovem a integração do indivíduo na sua sociedade. Nos dias de hoje existem duas principais: família e escola.

A escola como parte do sistema de instituições da sociedade, sendo um dos maiores e mais importantes, tem como uma de suas principais funções contribuir para incluir o indivíduo e formá-lo. Essa instituição é fundamental, tal como a família, no qual os pais educam e ensinam de forma empírica, baseados nas experiências do cotidiano, ou seja, o senso comum. Enquanto os professores ensinam a pensar, com base nos estudos científicos comprovados. Por essa razão o professor, como a escola no geral, desempenha um papel fundamental na inclusão do indivíduo.

Na instituição educacional um ensino fragmentado dos conteúdos, na maioria dos casos com uma base fragmentada, mal feita, é frágil, o que dificulta a inclusão do indivíduo, indo de encontro à função da escola ou do professor. Um ensino inclusivo geral é, de forma cética, uma utopia, porém para educadores que tem como meta verdadeira educar sim é uma utopia, mas que pode ser alcançada, com

esforço. Para tanto, além de formação, a valorização de seu papel que deve ser feita e reconhecida, há outros fatores que devem ser considerados neste contexto, um deles é a autoestima e valorização do professor, o que pode afetar a qualidade do ensino.

Falar em qualidade de ensino parece utópico. De acordo com a constituição é dever de o Estado dar acesso à educação e ensino de qualidade, porém não é o que acontece na prática, muitas vezes as condições escolares não auxiliam nesse processo de interação professor-aluno.

Atualmente, a lei incentiva que as crianças entrem com quatro ou cinco anos nas instituições escolares, porém o número de vagas oferecidas é insuficiente, fragilizando o ensino. Porém, sem ter a intenção de responder aqui é importante indagar: as crianças que conseguem obter as poucas vagas oferecidas aprendem mais que as outras? Ou melhor, terão menos problemas de aprendizagem e desenvolvimento que as outras?

Consideramos que se os primeiros anos de ensino forem realmente eficazes, talvez a inclusão do aluno seja maior, porém se as instituições não atenderem as necessidades da criança, há uma maior possibilidade de não haver nenhum progresso no processo de ensino e aprendizagem.

Outros fatores que interferem nesse universo educacional é a estrutura socioeconômica das famílias e da comunidade onde a escola está situada, a relação interpessoal família-escola, escola-comunidade e da comunidade-família, nesses tipos de relação cada um dos integrantes interferem na qualidade do ensino e na capacidade de aprendizagem do aluno, é dever, e função, do professor identificar e tentar compreender esses contextos sociais. O aluno não deve ser algo aparte deste problema, pois ele é a interseção dessas instituições, e na tentativa de superar as diferenças as consequências precisam atingir, em todos os aspectos, o aluno.

Essa é a problemática educacional, e a cada evolução da sociedade, o professor, a escola e família devem evoluir e compreender que o objetivo de todas é formar o sujeito que seja responsável e ético. A cada evolução, o método de ensino deve por obrigação sofrer mudanças para que os objetivos sejam alcançados, caso contrário o ensino não servirá para o auxílio humano. Sendo assim, na atualidade, a existência e a coexistência delas é de primordial relevância em uma inclusão estável.

Concordamos que a “educação é o procedimento no qual o educador convida os educandos a conhecer, desvelar a realidade, de modo crítico” (FREIRE, 2011, p. 89). A educação é um “meio de produção”, para tanto precisa ser socializada aos sujeitos de sua ação. Isso aponta para a formação do professor. Como professor,

“[...] não posso, por isso mesmo, burocratizar meu compromisso de profissional, servindo, numa inversão dolosa de valores, mais aos meios que ao fim do homem. Não posso me deixar seduzir pelas tentações míticas entre elas a da minha escravidão às técnicas, que sendo elaboradas pelos homens, são suas escravas e não suas senhoras” (FREIRE, 1979, p 20).

A formação do professor no contexto da sociedade do nosso tempo tem se colocado constantemente nos discursos educacionais, alimentando incessantes discussões, reflexões e controvérsias. Quando consideramos os professores dos anos iniciais da educação fundamental, então, o problema se agrava.

A educação nos primeiros anos de escolarização como possibilidade de superação da problemática educacional

Ao levantarmos a discussão sobre os problemas da nossa escola atual, percebemos que não podemos pensar em educação como uma utopia e sim em algo concreto e real que enfrentamos diariamente, com todos os seus problemas e que sim, tem solução, e essa solução parte do trabalho de sujeitos agentes da história: nós podemos mudar com nossas atitudes.

Precisamos constantemente lembrar e não perder o foco principal em relação ao papel da educação em ser transformadora e com uma prática condizente as necessidades da sociedade. Nossa sociedade precisa de uma educação concreta, que forme cidadãos, mas bons cidadãos, pessoas letradas; formar pessoas que se preocupem com os problemas, mas que dominem os conteúdos essenciais das ciências, que sejam participativos na realidade.

O nosso tempo atual está cada vez mais exigente e com ele cresce a necessidade de formar seres pensantes e atuantes, que realizam suas ideias, que

exigem seus direitos e conhecem seus deveres, que são capazes de compreender o mundo a sua volta, mas sendo conhecedores das ciências, da filosofia, das tecnologias, buscadores e proporcionadores de conhecimento.

Essa relação entre escola e educação vai além do que imaginamos, a escola, por exemplo; não deveria agir sozinha, precisaríamos que a comunidade participasse, questionasse, acompanhasse de perto cada decisão tomada dentro da escola, mas se isso não acontece como deveria, a escola deve sim se preocupar, mas não deixar de ensinar por isso, pois se queremos uma sociedade igualitária, queremos pessoas com igual nível de conhecimento das ciências também.

Com isso ao pensamos na escola como instituição que conduz a inclusão, perguntamos por que nossos alunos não estão aprendendo como deveriam? Onde está o erro? Qual lacuna precisa ser refeita? Quais apoios devemos buscar? São muitas perguntas e com respostas muito complexas, que este texto não dará conta de responder, porém com um objetivo claro: nossos alunos precisam aprender!

Dentro de uma mesma sala de aula temos indivíduos com diferentes culturas, valores, conceitos, maneiras de aprender. Precisamos que a democratização e construção dos conhecimentos se deem de maneira interdisciplinar, que possam ir além das paredes da sala de aula. Muitos não constroem o conhecimento e vão acumulando problemas e dificuldades na aprendizagem, logo, é com essa realidade que lidamos hoje, e é com esses alunos que temos na escola de hoje, com quem devemos nos preocupar se estão sendo formados de maneira democrática, se estão aprendendo, e se não estão, incluí-los de maneira significativa perante o ensino e a educação.

De fato não é uma tarefa fácil, é preciso paciência, formação e conhecimento real da situação, conhecendo o verdadeiro problema torna-se mais fácil trabalhar a solução, enfrentando o problema, sem ficar terceirizando a culpa do descaso da educação brasileira.

É preciso incluir todos em relação ao domínio do conhecimento, despertando o interesse de aprender, daquilo que é exigido nesse tempo e nesse espaço, pois a educação é “uma atividade mediadora no seio da prática social global” (SAVIANI, 2012).

Ao pensarmos em uma sala de aula, o objetivo principal é a aprendizagem, e para alcançarmos esse objetivo temos metas: o ponto de partida e o ponto de chegada. O ponto de chegada já focamos: objetivo = a aprendizagem. Fica a critério

de cada um, de acordo com os seus sujeitos reais, ou de acordo com o mais real para aquela turma, definir um ponto de partida, e porque não utilizar das experiências para chegar ao aprendizado, já que com alunos concretos, com necessidades reais, o conhecimento teria maior eficácia na vida desse aluno, sabendo que experiência se traduz em aprendizagem.

Trabalhar em conjunto pela educação, trabalhar as habilidades do educando, trará uma educação mais significativa e eficaz, onde todos estarão incluídos na corrida da busca do conhecimento, sem distinção por qualquer critério, e onde as forças políticas não terão tanto poder.

O conteúdo não pode estar em segundo plano, e numa visão social, aquele que interpreta, analisa, reflete, propõe, tem condições de expressar-se com clareza, sair da consciência mística e tornar o conhecimento palpável, transformar possibilidades em realidade.

Não importa a disciplina, todas têm finalidades sociais, e não importa a ação social dentro da escola se os alunos não estão aprendendo.

A educação é aquela que parte do concreto, não anulando a importância política, partindo do desigual, com um planejamento real e com atitudes e posturas de iniciativa.

O ser humano é produtor, é agente da sua história, tem o domínio das coisas, e esse domínio aumenta de acordo com sua liberdade, ele tem a capacidade de ver o valor das coisas e testar suas experiências, aprende observando, ouvindo e/ou fazendo, e a escola, com uma nova prática, vai usufruir ao máximo desse aspecto para a educação, solidificando o conhecimento, já que tudo que vivenciamos, aprendemos melhor e transformamos com força para o dia a dia.

Partindo do pressuposto de que para o homem educação seria sua dominância no mundo, o exercício do seu poder sobre as coisas, ele precisa dominar também as ciências, o respeito pelo outro e pela natureza que o cerca.

Contudo, a educação não deve ser terceirizada, todos devemos assumir nosso papel de educadores e colaboradores na transformação do mundo. E na sustentação de tal, é preciso criar sim novas metodologias, mas não deixar de ensinar o conteúdo, é preciso inovar sim, porém manter o que já está dando certo, lutar por nossos objetivos tendo estratégias reais de ampliação da troca de conhecimentos, tem que partir da teoria para a prática, ela transforma indiretamente e com o passar do tempo. Pois como diz Vasquez (1968, p. 206- 207),

A teoria em si [...] não transforma o mundo. Pode contribuir para a sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Nesse sentido, uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação.

Assim, valorizando a base escolar, podemos obter a superação da problemática educacional. Conseguiremos incluir todos de maneira igual, e contribuiremos para superação de importantes desafios e problemas educacionais do presente.

Considerações Finais

Acreditamos que as práticas educacionais precisam estar voltadas à altura do nosso tempo, isto é, conduzir efetivamente processos de inclusão, sendo emancipatória, que suscite processos de conscientização, compreensão crítica e participação. Isso requer o domínio de habilidades básicas por nossos educandos, entre elas, o domínio das práticas de leitura, escrita e cálculo, bem como os conhecimentos e conteúdos básicos das ciências e seus usos sociais em diferentes situações e em contextos imediatos. Assim, é imprescindível a garantia de aprendizagens pelos alunos para que possam atuar como sujeitos ativos e capazes de lidar com as demandas de suas práticas sociais.

Uma educação e escola efetivamente inclusivas precisam garantir a aprendizagem de seus alunos instrumentalizando-os para usar de forma consciente a leitura, escrita, cálculo e os conteúdos das ciências de maneira a entender e participar de suas práticas sociais cotidianas imediatas.

Para isso, consideramos a importância de um olhar mais efetivo da educação que se realiza nos primeiros anos de escolaridade dos alunos até o 5º ano, como importante base a ser construída, sem, contudo desconsiderar as etapas posteriores. Mas acreditamos que o sucesso nas etapas subsequentes depende de uma base bem formada nos primeiros anos.

Consideramos ainda a importância do professor e da escola como importantes agentes de formação cidadã e inclusão dos alunos, independente e para além dos desafios que nos são postos constantemente.

Referências

FERREIRA, Eliza Bartolozzi, OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Crise da escola e políticas educativas** (Orgs). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade e outros escritos**. 14 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

HANNOUN, Hubert. **Educação: certezas e apostas**. São Paulo: UNESP, 1998.

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade**. São Paulo: Palas Athena, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. (1944). 11 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Educação em diálogo**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.

VASCONCELLOS, C. S. **Formação didática do educador contemporâneo: desafios e perspectivas**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de Formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 33-58, v. 9

VASQUEZ, Sánchez. **Filosofia da práxis**. 1968.